



Tempos Corona, Tempos Difíceis



"Das profundezas clamamos a vós, senhor"... , assim começa o Salmo 130. *De Profundis*, assim Oscar Wilde nomeou a bela obra que escreveu na prisão. *Memórias do Cárcere*, assim Graciliano Ramos nomeou sua igualmente bela obra, escrita também na prisão. Por razões distintas, um por "comunismo", outro por "homossexualismo", ambos postos em isolamento para evitar o contato social. É provável que a comparação com essas icônicas produções, como todas as comparações, seja falha como estímulo para pensar sobre o confinamento a nós necessariamente imposto, nesse momento de comoção mundial e que nos atinge "pan", pânico, pandemônio, pandemia. Sabemos que a grande maioria dos habitantes da Terra não viveram, até o momento, algo quiçá semelhante, considerando apenas o tema "doenças". Relatos sobre os males de idades remotas, a peste ou mesmo a gripe denominada "espanhola", já de maior espectro e mais próxima das lembranças, não se comparam ao que estamos vivendo nesse momento. Paradoxal e tristemente, pois também são tempos, os nossos, onde os maiores avanços na ciência médica favorecem a humanidade. O vírus invisível, sorrateiro, surgiu distante e nos pegou atônitos. Parecia algo menos ameaçador e menos letal. E além dos esforços de abnegados médicos e dedicados profissionais de saúde, o vírus ataca. E prostra e mata. Principalmente, nos isola. O que é necessário para o bem de todos, ameaça com nosso próprio entorno e nos confronta com nossas profundezas, nossas memórias de cárceres internos, nesse momento sem disfarces... Nós, psicanalistas, estamos colaborando com o que sabemos fazer: em formato virtual, desconstruindo nossa própria regra fundamental, estamos tentando tornar o isolamento menos cárcere e mais privado. Continuamos a escutar além do que ouvimos. Continuamos a estar disponíveis para nossos pacientes. Continuamos a manter nosso compromisso de profissionais. Certamente não nos sentimos confortáveis com a interferência de uma tela, com a visão do "setting", por assim dizer, de nossos pacientes em suas casas e nós nas nossas. Observo, porém, que essa "estranheza" foi diminuindo com o correr dos dias. Acredito que apenas uma sólida transferência, já estabelecida previamente com nossos pacientes, torna possível que esses encontros não se transformem em conversas banais. Devemos estar preparados para "acting outs" que provavelmente surgirão após este momento de exceção. As defesas perversas estarão possivelmente fortalecidas e cobrarão seu preço. Nesse momento, como disse uma paciente, é o que temos. De nossas casas, atendendo como é possível, que não nos recolhamos em nossos cárceres pessoais. Que sigamos pensando, é o que precisamos fazer. Profundamente. Que este momento corona nos deixe também com memórias para transformar.

Maria Inês Neuenschwander Escosteguy Carneiro, membro Efetivo da SBPRJ com funções plenas do Instituto, *fellow* do International Journal of Psychoanalysis College.

19/04/2020